

As origens do fórum de reflexão da mulher luterana e relações de poder entre mulheres da IECLB*

Origins of the Lutheran Women's Reflection Forum and power relations between women
inside IECLB

Rosane Philippsen

Resumo

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana é um movimento de mulheres da IECLB surgido no contexto da VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial, realizada em Curitiba em 1990. O presente artigo busca traçar um panorama a partir de publicações de mulheres no Jornal Evangélico Luterano, que indicam a busca por valorização, por representatividade e contra a discriminação feminina. Desta forma, busca também identificar as mulheres que deram início ao movimento, que tinha a preocupação em conscientizar da importância da participação das mulheres na família, na igreja e na sociedade. Ademais, o artigo mostra as relações entre as mulheres da organização mais antiga da igreja, a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE) e o Fórum incipiente.

Palavras-chave: Fórum. Mulher. Poder.

Abstract

The Lutheran Women's Reflection Forum is a women's movement within the IECLB, Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil, arisen in the context of the Lutheran World Federation's eighth assembly, which took place in Curitiba, in 1990. This article outlines a panorama upon women's publications in the Evangelic Lutheran Journal, which show up a pursuit for valorization, representation and against gender discrimination. Through that, it also seeks identifying the women who started the movement, concerned about raising awareness over women's participation in family, church and society. Moreover, the article shows the relations between women in IECLB's eldest organization, the Evangelical Ladies' Auxiliary Order – OASE –, and the newborn forum.

Keywords: Forum. Power. Women.

Considerações Iniciais

No contexto da comemoração dos 500 anos da Reforma Protestante, em 2017, surge a motivação para contar a história das vidas das mulheres que contribuíram na

construção da fé luterana no Brasil. Na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) é senso comum representar as mulheres luteranas através da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), entretanto, nem todas as mulheres da igreja estão representadas na mais antiga organização feminina da instituição. Esta percepção questiona o que ocorre para que outras representações de mulheres pareçam invisibilizadas na igreja como pertença ao conceito de mulher luterana? Grupos de mulheres, ministras de todas as ênfases: pastoral, diaconal, catequética e missionária, diaconisas da Irmandade Evangélica, grupos de mulheres na Pastoral Popular Luterana (PPL), mulheres agricultoras do Centro de Apoio e Promoção à Agroecologia (CAPA), Fórum de Reflexão da Mulher Luterana (FRML) e até mesmo esposas de ministros configuram um grupo específico, entretanto, quando se evoca a mulher luterana a primeira representação que se tem no imaginário é a da senhora que participa no grupo de OASE de sua comunidade.

Essa constatação levou à pergunta se há relações entre as mulheres dos diferentes grupos e movimentos e como se estabelecem as relações entre os mesmos. Como recorte foi escolhido o Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, surgido nos anos 1990, por ser um movimento relativamente recente e sobre qual há pouca documentação. Nesse sentido, o resgate da história do surgimento do Fórum tem o intuito de contribuir na visibilidade de mulheres que ousaram refletir sobre seu papel como mulher na igreja e na sociedade, abordando temas muitas vezes esquecidos e dolorosos que pretendiam ir além dos domínios permitidos tradicionalmente.

Na perspectiva de traçar um panorama do surgimento do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana, como este é um movimento de mulheres no contexto da IECLB, num primeiro momento optou-se por olhar as publicações referentes às mulheres e das mulheres no periódico de publicação nacional da igreja, o Jornal Evangélico Luterano (JOREV), entre os anos 1980 e 1995.

O Fórum de Reflexão da Mulher Luterana

É um movimento de mulheres luteranas surgido no contexto da VIII Assembleia da Federação Luterana Mundial em 1990, na cidade de Curitiba. Nesta assembleia havia um espaço chamado “Recanto” destinado às mulheres e ali, mulheres luteranas no Brasil perceberam a diversidade de mulheres que fazem parte desta igreja brasileira – e nem todas faziam parte da tradicional organização feminina luterana, a OASE, entretanto, mulheres

começaram a levantar questões que iam além das praticas de seus grupos e começam a perceber a necessidade de se conhecerem melhor, compartilhar suas experiências, seus anseios, sua visibilização e representação.¹

As mulheres que aparecem como autoras nos artigos e notícias do JOREV, são na maioria lideranças comunitárias principalmente oriundas de grupos de OASE (Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas), organização centenária de mulheres da IECLB. Outras são profissionais como jornalistas, psicólogas, professoras, pedagogas, pastoras, catequistas, diáconas e diaconisas da Irmandade Evangélica, e demais mulheres envolvidas e comprometidas com o trabalho voluntário na igreja.

Nos textos percebe-se a preocupação com a valorização das mulheres, não somente pelos homens, mas por elas próprias. Dos problemas oriundos da discriminação contra as mulheres e da necessidade de se conquistar espaço. Há um incentivo para que as mulheres percebam-se como capazes e agentes de transformação, para aceitarem desafios e atuarem ao lado dos homens, não atrás – nem à frente. Esta era uma preocupação das mulheres, oriunda da possibilidade de serem consideradas “feministas”, o que era um rótulo problemático de se levar. É também neste período que a Teologia Feminista dá seus primeiros passos na Faculdade de Teologia, hoje Faculdades EST, o que não se deu sem muita polêmica e luta.

Em maio de 1985, Marlene Kirchheim escreveu no JOREV: “Página da mulher completa um ano”. Esta página do jornal, chamada de “Nosso Espaço Nossas Esperanças” tinha como um dos seus objetivos “auxiliar a mulher em sua vida de fé e no contexto em que vive”. Marlene percebe que “sempre mais mulheres estão dispostas a trabalhar e a lutar na conquista de seu espaço. Não com espírito competitivo e, sim, em termos de igualdade.” Corajosamente a autora coloca que era ainda muito impregnada a ideia de que as mulheres na igreja, especificamente as da OASE, são as responsáveis pelos bordados, bazares, chás de caridade na função única de arrecadar fundos e entreter senhoras e destacou que a “objetivo deste grupo é ser um agente de transformação da sociedade em que vive”.²

¹ ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa; HERTEL, Hildegart; FÓRUM DE REFLEXÃO DA MULHER LUTERANA DA IECLB. Mulher deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100% : história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB.: Gráfica Odisséia, 2010. p.16-18.

² KIRCHHEIM, Marlene. Nosso Espaço Nossas Esperanças. Jorev Luterano. São Leopoldo: IECLB, primeira quinzena de maio de 1985. p. 10.

Nesse sentido, a experiência destas mulheres permitiria ser uma chave essencial para releitura da Bíblia e das tradições da igreja, já que destituídas da reflexão teológica no passado e este é o aporte que as teologias feministas trazem, especialmente considerando as mulheres. Esta é a efervescência naqueles anos que vai alimentando a coragem em falar, em aceitar desafios, de lutar por mais espaços e reconhecimento.

De onde vêm estes questionamentos

Na esfera mundial três organizações estão preocupadas com a questão das mulheres: a ONU (Organização das Nações Unidas), o CMI (Conselho Mundial de Igrejas) e a FLM (Federação Luterana Mundial). O resultado prático da Assembleia da ONU de 1975 foi a Década das Nações Unidas para a Mulher (1976-1985). Depois, na Assembleia Geral da ONU em 1979, foi elaborada a Convenção sobre a eliminação de todas as formas de discriminação contra a mulher. Também conhecida como Carta Internacional dos Direitos da Mulher - CEDAW (da sigla em inglês) ou Convenção da Mulher é o primeiro tratado internacional que dispõe amplamente sobre os direitos humanos das mulheres. São dois os eixos principais: promover os direitos da mulher na busca da igualdade de gênero e reprimir quaisquer discriminações contra as mulheres nos estados que fazem parte da ONU. Em 1980, a segunda Conferência Mundial sobre a Mulher foi realizada em Copenhague (Dinamarca)

A Década Ecumênica de Solidariedade das Igrejas com a Mulher (1988-1998), promulgada pelo Conselho Mundial de Igrejas e acolhida pelo Conselho Nacional de Igrejas Cristãs no Brasil período no qual “se empenharam em saber onde e como as mulheres sofrem opressão, dentro e fora das igrejas, e as formas de superá-la”.³

A Federação Luterana Mundial que instituiu em 1970, em sua quinta assembleia, a Secretaria da Mulher e em 1984 garantiu a participação de pelo menos 40% de mulheres em assembleias.

O discurso destas três organizações transparece nas preocupações das mulheres nos artigos do JOREV. As mulheres começam a apontar as incoerências da própria IECLB no tocante aos postos-chaves que se preenchiam de forma indireta ou da discriminação da mulher na Igreja onde o espaço dado é o de trabalhos a fazer, conforme Marlene Ahlert, na

³ BAESKE, Sibyla. Dez anos despertando solidariedade. In: BAESKI, Sibyla. (Org.). *Mulheres desafiam as Igrejas Cristãs: Década ecumênica de solidariedade das igrejas com a mulher (1988-1998)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.11.

época coordenadora distrital de OASE. Mulheres representando a IECLB em encontros internacionais trouxeram os questionamentos sobre seu papel, sua representatividade na igreja e os acessos aos cargos de liderança e de decisão. “As mulheres são sustentáculo das igrejas não somente na hora de fazer campanhas financeiras, mas principalmente na vivência da fé e em termos comunitários e familiares”. Apesar disso, “elas não têm assento nas mesas de decisão e que é urgente que elas se conscientizassem da necessidade de ocuparem espaço neste nível também, não só na igreja mas também na sociedade”.

O fato de o próprio Conselho Mundial de Igrejas dar o primeiro passo para mudar a situação das mulheres nas igrejas, foi decisivo para a composição igualitária entre homens e mulheres, nos órgãos diretivos e consultivos e, por conseguinte, incentivando o mesmo nas igrejas filiadas. Apesar da ONU ter avaliado os dez anos destinados à mulher com resultados negativos, uma das formas de responder ao pessimismo, encontrada pelo CMI, foi a criação da Década da Solidariedade das Igrejas com a Mulher (1988-1998).

É nesse contexto que algumas mulheres começam a refletir sobre outras questões e necessidades e surgem os primeiros movimentos pelas mulheres, pró Secretaria da Mulher na IECLB.⁴ De certa forma, esta pauta reflete uma busca de parceria com a instituição, de forma semelhante ao que ocorre junto ao Estado, como a proposta de criação do Departamento Nacional da Mulher, conforme Fúlvia Rosemberg.⁵

Após a Assembleia da FLM, em maio daquele mesmo ano (1990), aconteceu a primeira reunião com representantes de diversos segmentos femininos da IECLB: OASE, profissionais cristãs, pastoral popular luterana (PPL), obreiras dos diversos ministérios, mulheres agricultoras, entre outras.⁶ Foi proposto refletir sobre: a mulher na IECLB; as organizações ou grupos de mulheres e sua integração na IECLB; anseios e lutas comuns e sua articulação; outros aspectos importantes que as participantes julgarem importantes para as mulheres na IECLB.

Desse primeiro encontro formal, realizado nos dias 26 e 27 de maio de 1990, na Casa Matriz de Diaconisas, em S. Leopoldo, foi redigida uma carta ao Conselho Diretor da IECLB onde aquelas mulheres reunidas afirmam-se motivadas pela Secretaria de Mulheres

⁴ ROTH, 2010, p.16

⁵ ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). Nova História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013. p. 343.

⁶ ROTH, 2010, P.18

da FLM, na VIII Assembleia, e que um grupo de mulheres presentes decidiu organizar um encontro de reflexão sobre a atuação das mulheres na IECLB.

Participaram desta primeira reunião: Lilian Lengler, Norma Kumrich, Ruth t. Baade, Ir. Ruthild Brakemeier, Ir. Hildegart Hertel, Islair Radtke, Ruth L. Winckler Musskopf, Vera Roth, Ir. Arleti Mattner. Estas mulheres tinham basicamente três grandes preocupações: a falta de informações entre as organizações de mulheres, a falta de articulação entre as diversas iniciativas e a necessidade de formar e capacitar lideranças femininas.

O movimento se aproxima de questões polêmicas como artigos no JOREV referentes à Teologia Feminista e percebe a necessidade de esclarecimentos sobre o assunto correlato como feminismo, teologia feminista, teologia da mulher.

Entretanto, em 1995 o Fórum recebe uma carta do Conselho Nacional da OASE (CNO) que “após ser explanado e discutido amplamente [...] chegou-se a conclusão que nós, como Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas – OASE deveríamos nos posicionar definitivamente sobre o assunto. Concluiu-se que a OASE não se opõe à criação do ‘Fórum de Reflexão da Mulher Luterana’, mas não fará parte do mesmo; continuaremos no trabalho da OASE, seguindo seus objetivos: ‘comunhão, testemunho e serviço’.”⁷

Considerações Finais

A carta do Conselho Nacional da OASE retirando-se do Fórum marcou as relações entre a organização e o movimento por muito tempo. Entendimentos diferentes sobre a atuação das mulheres na igreja não conseguiram permanecer na caminhada conjunta daqueles anos. Nesse sentido, a pergunta que se faz e que ainda carece de respostas, é sobre o que houve que impediu a participação da OASE no Fórum. Seriam questões de poder que estavam em jogo? Entre mulheres se constroem também relações de poder que impedem a troca de experiências e formas alternativas de se lidar com as realidades e situações do cotidiano?

Mesmo com a não participação da OASE do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana muitas mulheres do Fórum continuavam participantes de seus grupos locais de OASE, e o movimento foi adiante, realizando encontros entre suas lideranças e promovendo fóruns nacionais pelos anos seguintes até a presente data.

⁷ ROTH, 2010, p. 27.

O Fórum continuou na proposta de ser um movimento de conscientização e valorização das mulheres, engajou-se nas pautas da violência contra as mulheres e solidariedade entre mulheres e na luta por uma secretaria voltada para as mulheres dentro da IECLB.

Atualmente, o Fórum junto com a OASE e a Juventude Evangélica está na organização da celebração das mulheres luteranas pelos 500 anos da Reforma que será realizado em Foz do Iguaçu em 2017.

Referências

BAESKE, Sibyla. Dez anos despertando solidariedade. In: BAESKI, Sibyla. (Org.). *Mulheres desafiam as Igrejas Cristãs: Década ecumênica de solidariedade das igrejas com a mulher (1988-1998)*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

GEBARA, Ivone. Patriarcalismo, Igreja e mulher. *Revista de Cultura Teológica*, Vol./No. 1/1, p. 55-67, 1992.

KIRCHHEIM, Marlene. Nosso Espaço Nossas Esperanças. *Jorev Luterano*. São Leopoldo: IECLB, primeira quinzena de maio de 1985.

ORTNER, Sherry. Poder e Projetos: reflexões sobre a agência. In: GROSSI, M; ECKERT, C; FRY, P. (Org.). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. (Orgs.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013.

ROTH, Vera Leane; SCHERER, Hertha Costa; HERTEL, Hildegart: FÓRUM DE REFLEXÃO DA MULHER LUTERANA. *Mulher deixa a chama acesa e não tema a transformação: Deus te ama 100% : história dos 20 anos do Fórum de Reflexão da Mulher Luterana da IECLB.*: Gráfica Odisséia, 2010.